

André Malraux: Brasília, capital da esperança, símbolo do desenvolvimento brasileiro



No dia 24 de agosto de 1959, André Malraux, então Ministro dos Assuntos Culturais da França, esteve em Brasília, como representante pessoal do Presidente francês, general Charles de Gaulle. Na ocasião, o grande escritor teve oportunidade de pronunciar importante discurso, publicado no exemplar pioneiro do CB, dia 21 de abril de 1960. Malraux considerou Brasília "a cidade mais ousada concebida no Ocidente" e viu, na nova Capital, "a ressurreição do lirismo arquitetônico, nascido com o mundo helenístico". Foi, também, neste documento, que publicamos, a seguir, na íntegra, que Malraux criou a frase que, depois, seria repetida no mundo inteiro, denominando Brasília "a capital da esperança".

"Seja-me permitido agradecer inicialmente as palavras que acabais de consagrar ao meu país, ao general De Gaulle e a mim mesmo. Se o binóculo que une o Brasil à França carecesse de provas, não as haveria mais evidentes que a acolhida tão calorosa que me tributam desde ontem e a presença do Presidente da República nesta cerimônia. Também a França considera que as relações entre o Brasil e Europa, impostas pela própria natureza da civilização que vai nascendo aos nossos olhos, ultrapassarão o antigo conceito de intercâmbio em suas diferentes modalidades: que o estabelecimento de um plano mundial de exploração das riquezas naturais em proveito das nações que as detêm, e somente destas, deve constituir um dos objetivos primordiais deste século; e que, à sua luta épica contra a terra, o homem deve afinal dar formas dignas de si mesmo. É esta última exigência que simboliza nossa presença aqui, senhor Presidente da República, como o simboliza também esta própria cidade. No processo de seu desenvolvimento, muitas vezes as grandes nações encontraram o seu símbolo e, indubitavelmente, Brasília é um símbolo desse gênero. Quase todas as grandes cidades haviam-se desenvolvido por si mesmas,

em volta de um lugar privilegiado. Que hoje a História contemple conosco o despojar das primeiras edificações de uma cidade feita surgir unicamente pela vontade humana. Se renascer a velha paixão das inscrições nos monumentos, gravar-se-á sobre os que aqui vão nascer: Audácia, energia, confiança. Não se trata de vossa divisa oficial, mas talvez da que vos dará a posteridade.

FORMAS PERENES

Sabeis - como o sabem todos os artistas, mas como os governos não o sabem tão bem - que as formas de arte destinadas a perpetuar-se na memória dos homens são formas inventadas. Nesta cidade que tem sua origem na vontade de um homem e na esperança de uma Nação como as antigas metrópoles surgiram da vontade especial de Roma ou dos herdeiros de Alexandre - o Palácio da Alvorada que edificastes, a Catedral que haveis projetado nos trazem algumas das formas mais arrojadas de arquitetura, e, ante os esboços da futura Brasília, percebemos que a cidade inteira será a mais ousada que o Ocidente haja concebido. Em nome de tantos monumentos ilustres que povoam nossa memória, graças vos sejam dadas por haverdes depositado confiança nos vos-

sos arquitetos para criar a cidade e em vosso povo para que lhe tenha amor. Tal ousadia sabemos como alguns a temem, mesmo dentre amigos vossos. Mas se eles não se enganam quanto à resplandente originalidade desses projetos, é possível que aprendam mal o que lhes confere decisivo valor histórico. É chegada a hora de compreender que a obra que começa a erguer-se diante de nós é a primeira das capitais da nova civilização.

Até agora, a arquitetura moderna era uma arquitetura de edifícios. Tinha criado casas - mesmo quando tais casas como em Nova York, se agrupam num erigimento de torres. Que ela desvesse um dia superar este épico individualismo - já que a cidade não é apenas um conglomerado de casas - não oferecia dúvidas para nenhum dos seus historiadores. Quase todos, porém, julgavam que a arquitetura em escala maior, a que cria cidades e não edifícios, iria nascer na União Soviética - eis, contudo, que está a surgir neste local.

RECONQUISTA

Com efeito, vão configurar-se aqui as primeiras grandes perspectivas da arquitetura moderna, ainda desconhecidas para o nosso século. Vale dizer que essa arquitetura ereta vai sofrer fundamental metamorfose anunciada confusamente pela da Europa, da África do Norte, pela vossa. É a reconquista do aranha-céu pelo solo; trata-se, antes de mais nada, da ressurreição do lirismo arquitetônico, nascido com o mundo helenístico e objeto dos devaneios de César em Alexandria. E diante da decisão, graças à qual o gênio brasileiro se faz a um tempo sucessor das perspectivas da Grécia, da Roma, pontificia de Versalhes e do Paris napoleônico, pensamos que esse vocábulo tão confuso, latinidade, tem pelo menos uma acepção precisa: a de fraternidade.

Vamos mais longe. Para que Brasília se tome uma verdadeira Capital - escreve Lúcio Costa - o seu planejador deve impregnar-se de uma digni-

dade, de uma nobreza de intenção donde resulte o senso da ordem, da utilidade e da proporção, único capaz de dar ao projeto inteiro a monumentalidade desejada.

Mas que cidade moderna se preocupará, até agora, com tal nobreza de intenção? O que entra em jogo é imenso: trata-se, ao por a arquitetura a serviço da Nação, de restituir-lhe parte da alma, que perdera. Era isso aspiração sua? Quem sabe. O título de honra do Brasil está em não se contentar com a simples aspiração.

BRASÍLIA RECORDA A ACROPOLE

A arquitetura tivera, como obras capitais, os templos e as catedrais; mais tarde, os palácios, quando a época das grandes monarquias atribuiu às moradas reais um significado que transcendia o do luxo.

O limite da arquitetura moderna é o de estar a serviço do poder econômico ou do indivíduo. Um único e admirável conjunto arquitetônico dos Estados Unidos - o "Rockefeller Center" - não se elevou à glória de uma potência do petróleo e, sim, à glória da solidariedade humana, da ciência e do espírito. Concebeis a cidade como um imenso conjunto e, desde a origem, exigit que os edifícios nele assumam determinada significação. Eis porque Lúcio Costa assim conclui: A cidade não será apenas a sede do Governo e da administração, mas ainda um dos maiores centros culturais do país. Esta Brasília, sobre o seu gigantesco planalto, é de certo modo, a Acrópole sobre o seu rochedo. Salve, capital intrépida que recordas ao mundo estarem os seus monumentos ao serviço do espírito.

O espírito que esta cidade evoca é o que, sob muitos aspectos, a fez nascer, pela nobreza a que se referem os seus fundadores.

Quando, por minha vez, contemplo este lugar, mergulho nas profundas raízes do tempo. Mas ela evoca a própria metamorfose. Até nos outros o cortejo dos grandes fantasmas do passado formava uma li-

nhagem. O Ocidente era o herdeiro da Bíblia e dos Antigos. A descoberta das civilizações, sepultadas, a dos meios de difusão da pintura e da música fazem de nós os primeiros herdeiros da terra inteira. Elaborase uma nova civilização e a cultura que ela evoca é, hoje, o objetivo em torno do qual lutam todas as forças do espírito. E o objeto capital dessa cultura é uma noção do homem sem a qual o nova civilização não poderia viver: não a civilização sem alma.

REINTEGRAR OS DEUSES

Cada uma das grandes religiões trouxe uma noção fundamental do homem, e nosso tempo esforça-se apaixonadamente por dar forma ao fantasma que o século das máquinas colocou em seu lugar. Tanto mais apaixonadamente quanto, com os campos de extermínio, com a ameaça atômica, a sombra de Satã reapareceu sobre o mundo, ao mesmo tempo que reaparecia no homem: a psicanálise redescobre os demônios, para reintegrá-los no indivíduo. Mas, num mundo sem chave, onde o Mal se torna fundamental enigma, qualquer sacrifício, qualquer obra-prima, qualquer ato de piedade ou heroísmo propõem um enigma tão fascinante quanto o do suplício da criança inocente, obsessão de Dostoiévski; quanto o de todos os pobres olhos humanos que descortinaram uma câmara de gás antes de se fecharem para sempre: a existência do amor, da arte ou do heroísmo não é menos misteriosa que a do Mal. Quicá a aptidão do homem para concebê-los ou conservá-los invencivelmente seja uma de suas "componentes", como o é a aptidão para a inteligência; e o objetivo de nossa civilização, no âmbito do espírito, se torna, assim, depois de ter descoberto as técnicas que reintegram os demônios, no homem, o de buscar as técnicas que reintegrariam nele os deuses.

Mas a reconquista da grandeza esquecida assume a forma que lhe dão os que a asseguram. E que cada nação a preserve a seu modo - e tende a a-

grupar-se, não com todas as outras, mas com alguns afins em vastas áreas culturais. A nova civilização se manifestará de certo no Ocidente, não só sob sua forma russa, mas sob duas grandes formas que corresponderão, "grosso modo", às áreas católicas e protestantes. De cada uma dessas formas, do novo tipo de homem por elas suscitado, posso aqui dizer, como em Atenas: pertencerão a todos os que tiverem resolvido criá-las juntamente; o espírito não conhece nações menores, conhece apenas nações fraternas - e vencedores sem vencidos.

CULTURA CONQUISTADA

Eis aí onde a cultura encontra seu papel insubstituível. Pelo conhecimento, mas também por outros caminhos mais secretos. A cultura não consiste somente em conhecer Shakespeare, Victor Hugo, Rembrandt ou Bach; consiste, antes de mais nada, em amá-los. Não a cultura verdadeira sem comunhão, e, talvez, seu domínio mais profundo e mais misterioso seja a "presença" em nossa vida do que deveria pertencer à morte. A cultura do novo mundo latino - que não é apenas o grande e velho mundo mediterrâneo, que não é somente a América Latina - será, como todas as verdadeiras culturas, uma cultura conquistada. O que ela deve conquistar para criar seu tipo de homem exemplar e para moldar seu novo passado é a presença, em seu seio, de todas as formas de arte, de amor, de grandeza e de pensamento que, no curso de milênios, sucessivamente permitiriam ao homem ser menos escravo; o domínio que une, ao fundo de nossa memória, sob a imensa indiferença das nebulosas, as silhuetas invencíveis e outrora inimigas dos pescadores de Tiberíade e dos pastores da Arcádia. O império mais sangrento do mundo, o Império Assírio, deixa em nossa memória a majestade de sua "Leoa ferida"; se há uma arte dos campos de concentração, ela não exprimirá os carrascos, e sim os mártires. "Ergue-te, Lázaro". Não sabemos ressuscitar os

corpos, mas começamos a saber ressuscitar os sonhos - e o que hoje vos propõe a França é que, para todos nós, a cultura seja a ressurreição da nobreza do mundo.

FRONTEIRAS INTRANSPONÍVEIS

Reconheçamos que nos une um futuro fraterno, mais ainda que um passado comum. Tivestes razão, nas mais sombrias horas, quando não desesperastes de nós, porquanto, hoje, o General De Gaulle que encontrou todas as chagas de meu país em seu legado, reencontra, apesar dessas chagas, a linguagem secular da França para lembrar ao mundo que é o homem que se trata de salvar. Porque a cultura tem duas fronteiras intransponíveis: a servidão e a fome. Que nos seja dado contribuir para apagá-las, que nos seja dado construir uma civilização que se assemelhe à nossa esperança, uma civilização que coloque todas as grandes obras da humanidade ao serviço de quantos homens as reclamarem.

Haveis pronunciado aqui, sr. Presidente da República, palavras conhecidas de muitos de entre nós: "Deste Planalto Central, desta solidão que será em breve o cérebro de onde partirão as atas das decisões nacionais, lanço um olhar, uma vez mais, sobre o futuro de meu país e entrevejo essa alvorada com fé inquebrantável e confiança sem limites na grandeza de seu destino".

Quando, por minha vez, contemplo este lugar que já não é uma solidão acodem-me ao espírito as bandeiras que o General De Gaulle entregou em 14 de julho aos chefes dos Estados da comunidade franco-africana, e o solene cortejo de sombras dos mortos ilustres da França, que amais, porque seus nomes pertencem à generosidade do mundo. Em sua grande noite tenebrosa, um murmúrio de glória acompanha o bater das forjas que saúdam vossa audácia, vossa confiança e o destino do Brasil, enquanto se vai erguendo a capital da esperança".